



PROGRAMA PROTEGENDO SONHOS

CATÁLOGO

PATROCINADOR





CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente

Carlos Antonio Tilkian

Vice-Presidente

Synésio Batista da Costa

Conselheiros

Antonio Carlos Malheiros, Carlos Antonio Tilkian, David Baruch Diesendruck, Eduardo José Bernini, Fernando Vieira de Mello, Hector Nuñez, Humberto Barbato, José Eduardo Planas Pañella, Luiz Fernando Brino Guerra, Morvan Figueiredo de Paula e Silva, Otávio Lage de Siqueira Filho, Rubens Naves, Synésio Batista da Costa e Vitor Gonçalo Seravalli

Conselho Fiscal

Bento José Gonçalves Alcoforado, Mauro Antonio Ré e Sérgio Hamilton Angelucci

SECRETARIA EXECUTIVA

Administradora Executiva

Heloisa Helena Silva de Oliveira

Gerente de Desenvolvimento Institucional

Victor Alcântara da Graça

FICHA TÉCNICA

Texto

Thais Certain

Colaboração

Daniela Florio, Sandra Rodrigues Ferreira, Juliana Oliveira Mamona, Maria Lucilene de Almeida Santos e Victor Alcantara da Graça

Revisão de texto

Katia Shimabukuro

Projeto Gráfico, diagramação e arte final

Priscila Hlodan

Impressão

Hawaii Gráfica & Editora

Tiragem

200 exemplares



PROGRAMA PROTEGENDO SONHOS

CATÁLOGO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
Interdisciplinaridade: considerações essenciais	6
INTRODUÇÃO	10
ATIVIDADES.....	17
Livros.....	17
Filmes.....	31
Jogos	37
NOTAS, INDICAÇÕES E BIBLIOGRAFIA	40

APRESENTAÇÃO

6

O Programa Protegendo Sonhos da Fundação Abrinq, desenvolvido em quatro capitais brasileiras: São Paulo (SP), Salvador (BA), Vitória (ES) e São Luís (MA) visa promover o avanço da aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática dos estudantes dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II, ao mesmo tempo que estimula e preserva os sonhos e projetos de vida destes atores do processo de ensino-aprendizagem.

Ao trabalhar com as equipes docentes das escolas municipais, a Fundação Abrinq traz como proposta os olhares interdisciplinares e multimodais às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Entendê-las nos contextos contemporâneos, a partir de metodologias ativas de aprendizagens, é fundamental para que o processo de ensino seja integrado e integrador. Os jovens são vistos aqui como protagonistas e seres atuantes na própria aprendizagem formal.

Com a intenção de reforçar e incentivar a implementação das metodologias propostas pelo Programa Protegendo Sonhos, desenvolvemos este box pedagógico composto por quatro volumes:

Volume 1: Temas transversais: as adolescências, seus contextos de vida e protagonismo no processo de aprendizagem;

Volume 2: Uma abordagem interdisciplinar da multimodalidade da Língua Portuguesa;

Volume 3: O lúdico como estratégia na imersão da Matemática e a interdisciplinaridade;

Volume 4: Catálogo com sinopse de vídeos, livros literários e jogos matemáticos indicados pelo Programa.

Esta coleção destina-se a profissionais da educação, assistência social e demais pessoas que trabalham com adolescentes. É nosso desejo que favoreça a compreensão e facilite a aplicação dos conteúdos trabalhados nos cursos oferecidos aos participantes das atividades desenvolvidas pelo Programa.

Interdisciplinaridade: considerações essenciais

A interdisciplinaridade vem com a necessidade de o homem unir e conhecer as interações entre o mundo natural e a sociedade, entre conhecimentos racionais e sensíveis e entre saberes diversos, porém conectados por pequenos ou grandes elos que até então eram ignorados. Aparece formalmente em meados de 1960 na Europa, mais especificamente na França e Itália, com o intuito de suprir a necessidade de um diálogo entre diferentes disciplinas escolares, que eram vistas como conhecimentos isolados dentro de suas especificidades e avaliados de forma linear, sem a interferência externa ao conteúdo apresentado.

Romper as barreiras que dividem as disciplinas como gavetas e interconectá-las une e amplia a visão do educador, sendo que um professor da área de Matemática, ao trabalhar uma situação problema, poderá, em conjunto com o docente de Língua Portuguesa, por exemplo, analisar as sintaxes gramaticais do texto utilizado, a grafia correta das palavras e a interpretação do texto apresentado. Um exemplo são as famosas “pegadinhas” de avaliações, nas quais o objetivo final é resolver um problema matemático, porém se o aluno não dominar a interpretação de texto e a lógica, a real intenção do problema passa despercebida.

Do ponto de vista da diretriz da política governamental, o Ministério da Educação, por meio da Base Nacional Comum Curricular, destaca em uma das dez metas, uma proposta pedagógica de forma transversal e integradora. É necessário então, que as redes de ensino compreendam e adaptem as necessidades do seu currículo para que esse diálogo ocorra de forma a potencializar o processo de ensino e aprendizado.

Decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem.
(BRASIL, 2017, p.12).

Nós, no Programa Protegendo Sonhos, apresentamos a proposta interdisciplinar como mais um instrumento no sucesso da aprendizagem dos nossos alunos, pois, ao interagir com diferentes saberes, o aluno se torna capaz de (re)construir conhecimentos, formular aprendizados e desfragmentar o conhecimento, visto que vivem num mundo dinâmico, acelerado e integral. Acompanhar esse ritmo só traz benefícios e abre as portas do conhecimento de maneira efetiva e contínua.

Sabemos das dificuldades de se comunicar entre os pares com frequência dentro do cotidiano escolar, porém ações simples, como o partilhar do planejamento, a realização de eventos coletivos, tais como gincanas, avaliações coletivas, eventos públicos na escola, jogos interclasses, grupos de xadrez, dança, leitura, esportivos em geral, é uma forma convidativa para se utilizar a interdisciplinaridade com muita eficácia.

Tomando como exemplo, um campeonato de queimada entre as turmas, podemos utilizar diversas perguntas que precisam de diferentes saberes para se encontrar as respostas, tais como:

- Quantos jogadores por time? Qual a medida da quadra? É possível tabular quantos querem participar dos jogos?
- Como se dá a organização dos vencedores x perdedores numa tabela? Qual a média de tempo das partidas?
- Quais são as regras? Os times possuem uma torcida organizada com grito de guerra? Como surgiu a queimada?

Dentro dessa linha de raciocínio, diferentes habilidades podem ser trabalhadas, a construção de textos coesos e com informações bem explanadas de acordo com o gênero textual adequado, a história do esporte como base de socialização e de diversão, a construção de gráficos e tabelas com os dados obtidos antes, durante e após os jogos.

Nas sugestões de atividades propostas nos volumes deste box, encontramos situações em que a interdisciplinaridade acontece naturalmente e pode ser bem aproveitada, vamos destacar aqui ações dentro da Matemática e da Língua Portuguesa, mas é válido que todos os professores aproveitem esses momentos e insira-os em suas aulas.

Nos *Temas Transversais*, a atividade sobre corpo e a cultura fitness abre espaço para, além do ritmo e do exercício mental e físico, a construção de cartazes com textos explicativos sobre saúde e beleza, em que os alunos, sob orientação do professor de Língua Portuguesa, aprofundem os gêneros narrativos, suas especificidades, a coesão textual, a coerência escrita, a grafia correta, os dialetos de um grupo (no caso o grupo fitness). Em Matemática, pode-se elaborar a construção de gráficos de diferentes dados dentro do tema, o cálculo do IMC (Índice de Massa Corporal) e da velocidade média num determinado exercício, a contagem de tempo nos exercícios.

Na apostila de *Língua Portuguesa*, no estudo de caso, além do uso óbvio e direto da linguagem oral e escrita e suas construções gramaticais, o professor de Matemática pode aproveitar e tabular dados, criando registros matemáticos dos eventos realizados e fazendo cálculos de média participativa dentro das situações.

Na atividade com tangram, na apostila de *Matemática*, além do trabalho com as formas geométricas, suas propriedades e cálculos, o professor de Língua Portuguesa pode solicitar que os alunos registrem as histórias criadas com o tangram, solicitando que estes criem textos com diferentes gêneros textuais (quadrinhos, fábulas, lendas, jornalístico, etc.).

Vale ressaltar que a interdisciplinaridade dá significado e vida aos conteúdos escolares e conta com a interação de toda equipe que, com a ajuda e a intervenção do coordenador pedagógico, delinea e constrói ações coletivas que são executadas de forma natural no dia a dia, com ganho para o grupo em conhecimento, em interação e em experiências que valorizam e potencializam o trabalho docente e o aprender discente, como sintetizado no quadro abaixo:

Pontos úteis para se lembrar ao trabalhar de forma interdisciplinar¹

- Parta de um problema de interesse geral e utilize as disciplinas como ferramentas para compreender detalhes.
- Como um professor especialista, você tem a função de um consultor da turma, tirando dúvidas relativas à sua disciplina.
- Sempre que possível, inclua no planejamento ideias e sugestões dos alunos e pesquise com eles.
- Faça um planejamento que leve em consideração quais conceitos podem ser explorados por outras disciplinas.
- Levante a discussão nas reuniões pedagógicas e apresente seu planejamento anual para quem quiser fazer parcerias.
- Recorra ao coordenador. Ele é a peça-chave e percebe possibilidades de trabalho.
- Lembre-se de que a interdisciplinaridade não ocorre apenas em grandes projetos. É possível praticá-la entre dois professores ou até mesmo sozinho, é uma parceria na compreensão dos conteúdos diários.

1. Quadro adaptado da reportagem acessada em <https://novaescola.org.br/conteudo/249/interdisciplinaridade-um-avanco-na-educacao>. Disponível em 20 de janeiro de 2019.

INTRODUÇÃO

O Programa Protegendo Sonhos tem por objetivo promover o avanço da aprendizagem para alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II estimulando e preservando seus sonhos e projetos de vida.

Como é de seu conhecimento, nos volumes anteriores, sobre Transversalidade, Língua Portuguesa e Matemática, foram apresentados conceitos-chave, temas transversais abordados nas formações, os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e algumas indicações de atividades.

Neste 4º volume, vamos resgatar de forma sintética alguns conceitos-chave dos três primeiros volumes, e indicar alguns livros, filmes e jogos com roteiros de atividades que poderão ser realizados com e por alunos do 8º e 9º ano.

I. OS ADOLESCENTES

Na sua maioria, os alunos do 8º e 9º ano estão entre 14 e 16 anos, são adolescentes, mas em razão da defasagem idade-série comum em nosso país, também há alunos jovens. Esse é o momento em que não são mais crianças e ainda não são adultos, mas é preciso lembrar que, como outras fases da vida, essa é uma fase em si mesma, não é um período de transição. Afinal, todas as fases da vida são transitórias.

Nesse momento, pode-se dizer que o corpo passa por significativas modificações hormonais, ganha novos contornos e os comportamentos mudam. Agressividade, tristeza, felicidade, agitação, preguiça são comuns, além de suas muitas inseguranças, vontades, descobertas e medos. Uma outra identidade começa a se plasmar, e projetos para o futuro começam a ser rascunhados por alguns. É também a fase de maior vitalidade, da força e dos desejos, bem como de maior disponibilidade, pois ainda não assumiram responsabilidades da vida adulta. É o tempo de começar a fazer escolhas, e essas escolhas não são sentenças definitivas, mas são parte de um “processo de apropriação do universo social” (1).

Tudo isso somado, a exigência sobre quem convive com eles é grande. Para o bom desenvolvimento do adolescente ou jovem, a escuta genuína e o esforço em criar laços de confiança por meio de presença respeitosa serão fundamentais. Mais do que nunca, os exemplos são mais importantes que os discursos.

Outra característica predominante dessa faixa etária é a necessidade de fazer parte de um grupo. As amizades são importantes e dão a eles a sensação de pertencer a um grupo de interesses comuns. Por isso, os elementos identitários ganham muita força: as roupas, os cabelos, as músicas, os gestos, as gírias, os ídolos, as comidas e vários outros elementos da cultura.

À escola cabe o desafio de chamar a atenção desses alunos, que estão conectados a vários outros interesses e questões, e não raro ela fracassa, pois a proposição de conhecimentos (no que se refere aos conteúdos e aos métodos), em geral, está desligada da realidade da vida dos adolescentes, daquilo que os atrai, instiga, dá prazer, aflige e preocupa.

Para fazer frente ao fracasso na interação com esses alunos, será preciso conhecer, sem julgamentos e preconceitos, o que eles vivem, o que lhes interessa, ter uma escuta e um olhar atentos, tanto para eles como indivíduos, como para seus contextos. Será importante tentar conhecer suas famílias, comunidades, suas relações com a mídia, suas formas de conexão, o que fazem em seu tempo livre, seus sonhos, medos e frustrações. Sem essa disposição de desvendar o universo de cada adolescente/jovem, como será possível proteger seu sonho? Como será possível ajudá-lo a ter autonomia para construir um projeto de vida que seja dele, no qual ele se reconheça e se sinta fortalecido? Não podemos oferecer apenas um projeto pasteurizado que o docente, a direção da escola ou outra entidade qualquer ache adequado.

Para ser esse educador, que respeita seus alunos, seus conhecimentos e experiências, e que pretende contribuir com sua formação, é essencial uma postura ética, de humildade e aceitação, de tolerância e não discriminação. É regra que esses adolescentes e jovens, embora não sejam adultos, já viram e viveram muitas coisas. Mesmo que sejam supostas experiências apreendidas por meio das mídias, elas também os formam e são matérias a serem discutidas.

Os adolescentes que recebemos apresentam as mais diversas características: alguns conseguem sonhar, fazer planos, têm uma autoestima positiva, são afetuosos, criativos, tomam iniciativa, são autônomos, tudo isso em graus variados. Muitos outros não. Têm baixa autoestima, pouca confiança em si mesmos, não conseguem vislumbrar um futuro e muito menos fazer planos ou projetos. E, é bom lembrar, esses aspectos não estão relacionados necessariamente com dificuldades ou facilidades cognitivas.

Nesse sentido, vale ressaltar a importância especial que a autoestima e autoconfiança têm para um adolescente. Todas as atividades que serão propostas devem ser trabalhadas para que os alunos reconheçam seus potenciais, descubram do que são capazes, percebam suas competências, suas limitações e as dos outros, que não são necessariamente iguais às suas. Devemos estimular o autoconhecimento, a autonomia e a alteridade. A diversidade, as diferenças são inerentes ao humano e são nossa grande riqueza.

Caberá ao educador reconhecer e respeitar as características individuais, assegurando o espaço e o tempo para que os adolescentes, se quiserem, exponham seus pontos de vista. Será preciso identificar com sensibilidade as estratégias mais adequadas para que as percepções sobre si mesmos, sobre seu grupo, sobre sua comunidade, sobre o mundo sejam compartilhadas, acolhidas e consideradas sem julgamentos. Não há outro caminho para criar vínculos de confiança e afeto, e esses vínculos são fundamentais para qualquer processo significativo de educação e de ensino-aprendizagem.

II. TRANSVERSALIDADE

O conceito de Transversalidade refere-se a uma dimensão didática, compreende que os diferentes objetos de conhecimentos estão relacionados a sistemas construídos na realidade dos alunos.

Quanto à Interdisciplinaridade, a referência é a epistemologia dos objetos de conhecimento, ou seja, questiona a visão compartimentada da realidade, o trabalho baseado em disciplinas estanques, sobre a qual a escola se constituiu.

A Transversalidade pressupõe a compreensão interdisciplinar do conhecimento, uma vez que é uma proposta didática que visa tratar conteúdos de forma integrada em todas as áreas do conhecimento. A partir dessa concepção de conhecimento, a Transversalidade e a Interdisciplinaridade, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), têm como eixo educativo a proposta de uma educação comprometida com a cidadania.

No âmbito dos PCN, a transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender os conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e a partir da realidade). Assim, os temas estarão presentes tanto no âmbito dos conteúdos como da metodologia. Segundo Piaget, “a interdisciplinaridade seria uma forma de se chegar à transdisciplinaridade, etapa que não ficaria na interação e reciprocidade entre as ciências, mas alcançaria um estágio onde não haveria mais fronteiras entre as disciplinas”.

A partir dessa articulação e indissociabilidade, os PCN sugerem alguns “temas transversais” que correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho, consumo e pluralidade cultural, por exemplo. É importante lembrar, de qualquer forma, que ética e cidadania são temas que devem ser tratados em todas as disciplinas, de forma interdisciplinar e transdisciplinar com o objetivo de promover e aprofundar a qualidade da construção de saberes e valores cognitivos, afetivos e sociais. (2)

De forma muito resumida, podemos compreender cidadania como o direito de ter direitos e o dever de ter deveres. Resgatando Morin, se a sociedade não existe fora das interações entre os indivíduos, e se essas interações “retroagem, por sua vez, sobre os indivíduos para coproduzi-los tais como são: socializados pela linguagem, pela educação, pela cultura, etc. (3)” (MORIN, 2000, p.175), os educadores desempenham papel essencial nessa dinâmica, uma vez que formam crianças, adolescentes e jovens para a uma sociedade que deve, segundo Artigo 3º da Constituição Federal, ter como objetivos:

- I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II - garantir o desenvolvimento nacional;
- III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

No caso de trabalhos socioeducativos, realizados por Centros para Crianças e Adolescentes (CCAs), que atendem adolescentes até 14 anos e 11 meses, não há exigências curriculares como nas escolas, e o foco definido pela política pública é exatamente o da cidadania, do reconhecimento e promoção de direitos, além do acolhimento. Uma referência fundamental para esse tipo de trabalho com crianças e adolescentes está consubstanciada na coleção Parâmetros de ações socioeducativas – igualdade como direito, diferença como riqueza: o trabalho socioeducativo com crianças e adolescentes – 6 a 18 anos, elaborado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Assistência Social (Smads) da Prefeitura do Município de São Paulo e Fundação Itaú Social (4). Nesse material, está explicitado o caráter formativo desse tipo de trabalho, abrangendo as dimensões da assistência social e da educação.

III. LINGUAGENS

Convivemos desde a Pré-História com diversos tipos de linguagem. Todas criadas e desenvolvidas com a finalidade de comunicação. São sistemas de símbolos, códigos, signos, por meio dos quais os homens transmitem ou comunicam ideias e sentimentos. A linguagem pode ser verbal e não verbal. Pode ser

falada (oral) ou escrita e as encontramos em informações no rádio, televisão, em letras de músicas, livros, jornais, bilhetes, quadros-negros, placas, rótulos etc. Todos os outros recursos de comunicação, como imagens, desenhos, símbolos, músicas, gestos, tons de voz etc. fazem parte da linguagem não verbal.

Podemos também dizer que as artes, em que a estética é componente essencial, têm suas expressões ou representações também em diversas linguagens já consagradas: teatro, música, dança, pintura, literatura, escultura, gravuras, tapeçaria, arquitetura, joalheria, fotografia, cinema etc. E do meio do século XX para cá, várias outras possibilidades (ou suportes, e em alguns casos, suportes amalgamados) passaram a ser utilizadas, ampliando ainda mais o conjunto de expressões artísticas: arte conceitual, arte cinética, *body art*, *street art*, *land art*, *performances*, videoarte, intervenções urbanas, grafite, instalações, arte eletrônica, entre outras.

As línguas humanas, ou idiomas, são sistemas desenvolvidos por grupos humanos que não necessariamente estão relacionados a um país. Basta lembrar das diversas formas de se falar português no Brasil, em Portugal, em países africanos e asiáticos. Todos falam português, mas com várias diferenças.

Os idiomas – no caso do Brasil, a Língua Portuguesa – são por excelência a disciplina da transversalidade, pois nenhuma outra disciplina ou área de conhecimento pode prescindir do idioma para se fazer compreender.

Uma boa indicação para entendermos melhor os usos da Língua Portuguesa, e a existência de uma pluralidade de normas linguísticas dentro de seu universo, é a novela *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno (5). Nesse livro, o autor discute as inúmeras possibilidades de usos da língua, e defende que a norma culta é apenas uma das variedades de manifestação linguística. Essa leitura também é ótima para os alunos, pois reconhecerão que suas expressões são usos possíveis e legítimos da língua, saberão que falar diferente não é errado: o que pode parecer erro, o que não obedece à norma culta, o não padrão, têm uma explicação lógica e científica (linguística, histórica, sociológica, psicológica). As diversas linguagens e seus usos são, ao fim e ao cabo, cultura:

A cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, às nossas vidas e aos nossos mundos. De uma pequenina palavra a toda uma teoria filosófica, estamos continuamente elaborando, partilhando e transformando diferentes sistemas de compreensão da vida e de orientação da conduta social. Criamos os mundos sociais que vivemos e só sabemos viver nos mundos sociais que criamos. ... E isto é cultura que criamos para viver e conviver. (6)

Quanto à Matemática, Galileu Galilei (1564-1642) afirmou que ela é “o alfabeto com o qual Deus escreveu o Universo”. Não vamos discutir aqui sobre a existência ou não existência de um “Deus”, pois o que nos interessa é a ideia de que a Matemática é um sistema (um “alfabeto”), ou seja, uma linguagem por meio da qual se pode falar e compreender o Universo, e descrever os fenômenos da natureza. Compreendendo de outra forma: “Matemática é o alfabeto com o qual foi escrito o Universo” é uma metáfora que põe a Matemática numa posição de linguagem. Mas não só como metáfora, pois “a linguagem matemática pode ser definida como um sistema simbólico, com símbolos próprios que se relacionam segundo determinadas regras. Esse conjunto de símbolos e regras deve ser entendido pela comunidade que o utiliza. A apropriação desse conhecimento é indissociável do processo de construção do conhecimento matemático” (Lorensatti, p.90). (7)

IV. PROJETOS DE VIDA

Difícil imaginar seus alunos adolescentes e jovens sonhando com o futuro? Criando planos ou projetos? O que nos cabe como educadores nesse processo? Como ajudá-los a serem protagonistas de seus próprios sonhos? O desafio é grande. (8)

Como categorias, a “adolescência” e a “juventude” são definidas histórica e socialmente, e é comum que a compreensão sobre essas categorias seja variada e, especialmente no último século, elas têm sido redefinidas muito rapidamente em função das transformações intensas da sociedade.

De qualquer forma, é importante lembrar que eles são sujeitos de direitos e precisam perceber que as esferas da vida pessoal, social e profissional estão integradas. Partindo desse pano de fundo, o dos direitos, alguns exercícios são imprescindíveis: o autoconhecimento (percepção, aceitação e desenvolvimento de sua identidade) (9), a ampliação de repertório cultural, o acesso ao conhecimento e à informação, o estímulo à participação visando sua dignidade como cidadão e profissional.

Nessa perspectiva, os alunos devem ser estimulados a redescobrir o passado (sua história), refletir sobre o presente (reconhecer-se no momento presente, seu contexto, suas qualidades, potencialidades e limitações), para começar a desenhar, sonhar, projetar um futuro.

As atividades propostas a seguir são baseadas nos conceitos, princípios e expectativas sintetizados acima. Buscam abordar aspectos didáticos considerando o desenvolvimento desse adolescente e jovem nas suas múltiplas dimensões – física, intelectual, social, afetiva/emocional e simbólica –, a partir das quais o processo formativo se dá.

Por fim, é importante ressaltar que todas as atividades sempre podem implicar produção de diversos tipos de textos: descritivos, narrativos (em primeira pessoa, terceira pessoa, empregando discurso direto ou indireto, etc.), mas será sempre muito relevante, por se tratar de alunos de 8º e 9º ano, a atenção à construção das argumentações. Os textos dissertativos argumentativos exigirão pesquisas para construções a favor e contra sobre os temas abordados. Deverão recorrer a dados, estatísticas, fatos, argumentos de autoridade (pessoas de notório saber sobre o assunto que tenham publicado trabalhos e ou pesquisas reconhecidas) com referências ao ponto de vista que irão expor. Em tempos de redes sociais em que opiniões desprovidas de embasamento se disseminam facilmente, será importante esse exercício para perceberem como é essencial a diferença entre visões não fundamentadas e opiniões superficiais de visões e posições consistentes e bem estruturadas.

ATIVIDADES

1. LIVROS

I. Minha Vida de Menina

Autora Helena Morley

Editora: Companhia de Bolso

Trata-se de um diário escrito de 1893 a 1895, em Diamantina (MG), por Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970). Com estilo leve e espontâneo, a autora registrou de forma bem-humorada suas inquietações de adolescente, fazendo observações e críticas sobre o dia a dia de uma cidade do interior em um período de grandes mudanças no Brasil – logo após a abolição da escravidão e a proclamação da República, pouco antes da chegada do século XX. A família de Alice não tinha muitos recursos, mas seus tios e avós desfrutavam de boa situação financeira, o que a fez transitar em várias camadas sociais e conviver com negros, brancos, pobres e ricos. Estimulada pelo pai ao hábito da escrita, ela lançou mão dos acontecimentos ao redor da sua família para realizar a tarefa, sem se omitir de dar sua opinião sobre os fatos que narrava. O livro, publicado pela primeira vez quando Alice tinha 62 anos, em 1942, serve, segundo a autora, para mostrar “às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época”. Com um texto elogiado por grandes mestres da literatura brasileira, como Carlos Drummond de

Andrade, Raquel de Queiróz e Guimarães Rosa, *Minha vida de menina* tem adquirido cada vez mais importância com o passar do tempo.

Duração:

Trabalho a ser feito em casa, individualmente. No dia da entrega, os alunos deverão formar duplas.

Atividade:

Trabalhar texto narrativo e descritivo, na forma de diário, portanto narrado em primeira pessoa. Os alunos deverão resgatar passagens de sua infância, exercitar a memória, lembrar de situações e emoções. Por outro lado, com ajuda do professor de História, pode-se pedir que comparem costumes, hábitos, desigualdades sociais do tempo da autora (há mais de 100 anos, em Minas Gerais) com os costumes, hábitos atuais e desigualdades sociais hoje: pesquisa de contexto histórico e pesquisa iconográfica (imagens, ilustrações da época em Minas e situações semelhantes hoje).

1. Peça aos alunos que escrevam, em forma de diário, na primeira pessoa, duas passagens muito importantes de sua infância, sendo uma de dificuldade, em que se sentiu com medo, triste, ameaçado, ou desafiado e uma de muita felicidade, realização, plenitude.

2. Sobre essas duas situações, peça que descrevam: os locais; as pessoas envolvidas; o que estava acontecendo na cidade ou país (se tiver relação com as passagens); o tempo psicológico (descrever as emoções que estavam presentes nos dois momentos); detalhes sobre si (tamanho, altura, peso, o que vestia, o que gostava, características pessoais que sejam relevantes para os momentos que vão narrar).

3. Na data da entrega previamente agendada, monte duplas, preferencialmente com alunos que não são próximos, para que um conte ao outro as passagens de seus “diários”. A ideia é, por meio das memórias da infância, resgatar um pouco de suas histórias e, em seguida, escutar a história do outro, reconhecer na história do outro o que há de semelhante à sua e o que há de diferente, o que pode deixá-los felizes, realizados e o que pode abater, dar medo.

4. Abrir a discussão coletiva:

- A importância das memórias da infância para a autora do livro e para cada um da turma.
- Levantar quais as duplas se identificaram por terem histórias parecidas, sentimentos parecidos entre si.
- Quais as duplas se surpreenderam com a história do outro, pela diferença da sua, pela intensidade, por não ter ideia de que o colega pudesse ter experimentado aquela(s) situação(ões).
- Aproveitar a discussão para falar da importância de se autoconhecer e de respeitar o outro que, como nós, tem histórias e experiências que na maior parte das vezes não suspeitamos.

II. Meu pé de laranja lima

Autor: José Mauro de Vasconcelos

Editora: Melhoramentos

O livro conta a comovente história de Zezé, um menino de 5 anos que tem uma família grande e muito pobre. Seus pais não são presentes nem afetuosos, sua infância é triste e dolorida. Ele sofre decepções e perdas, conhece o imenso peso da dor, vive arrumando confusão na rua e leva muitas surras por causa de suas travessuras. Zezé é considerado um menino malvado, mas é inteligente e apresenta uma sensibilidade criativa que o faz ultrapassar os limites impostos por sua condição. Assim Zezé transforma o pé de laranja lima em um amigo, e cria uma relação que lhe serve para construir seu discurso diante do mundo. Seus sonhos e medos, suas expectativas e descobertas, são compartilhados com o pé de laranja lima, a quem Zezé chama às vezes de Minguinho, outras vezes de Xururuca. Mesmo sendo uma fantasia, essa amizade dá ao menino a oportunidade de apreciar a vida, encontrar a poesia, sentir o sabor da alegria e da satisfação. O livro, escrito por José Mauro de Vasconcelos (1920-1984), revela um forte caráter autobiográfico. Tal e qual Zezé, José Mauro veio de uma família muito pobre e tinha muitos irmãos. Lançado em 1968, *Meu pé de laranja lima* é um clássico da literatura infanto-juvenil brasileira, com várias adaptações para o cinema, teatro e televisão.

Duração:

Duas aulas

Atividade:

Resgatar sua história, estimular processo de autoconhecimento; comparar indiretamente, por meio das observações dos modos de vida, as

dificuldades sociais na época do romance e as atuais.

1. Propor que registrem sinteticamente passagens do livro (pelo menos duas) em que mais se comoveram, e que nomeiem o que sentiram individualmente. Em seguida:

2. Pedir que respondam:

- Onde estavam quando tinham 5 anos?
- Com quem viviam?
- Tinham um grande amigo/a?
- Tinham um “pé de laranja lima” como confidente?
- O que mais gostavam de fazer? O que detestavam fazer?
- O que faziam para superar dificuldades?
- O que sonhavam que aconteceria quando chegassem aos 14, 15, 16 anos?
- Aconteceu o que sonhavam?

3. Se não se lembrarem, podem levar as questões para casa e pedir que um adulto que convivia com ele(a) quando tinham 5 anos ajude a lembrar.

4. Peça que tragam para a sala, um brinquedo, jogo, algum objeto de brincadeira que lhes era importante da infância. Quem não os tiver mais, que traga um desenho desse objeto, uma foto com o objeto. Ou ainda, que proponha ao grupo um jogo/brincadeira que lhe era especial.

5. Comece a montar um painel na sala com objetos, textos, imagens que vão dando contorno às individualidades, às histórias de cada um, e que, ao mesmo tempo, vão constituindo essa turma como um grupo, um coletivo com especificidades próprias, e que está construindo a história deste 8º e 9º ano.

III. A droga da obediência

Autor: Pedro Bandeira

Editora: Moderna

Doutor Q.I. é um cientista malvado que tem um plano para dominar o mundo: desenvolver uma fórmula que transforme as pessoas em seres subservientes. Para testar o seu invento, Doutor Q.I. sequestra dezenas de estudantes adolescentes, todos dos melhores colégios da cidade de São Paulo. Mas em um desses colégios, o Elite, existe um grupo secreto de alunos dispostos a enfrentar a ameaça que paira sobre a humanidade. É o grupo dos Karas – “o avesso dos coroas, o contrário dos caretas”, nas palavras do autor Pedro Bandeira –, composto por quatro meninos e uma menina. Os Karas se encontram em um esconderijo em cima do vestiário do colégio para traçar seus planos de ação. Durante as investigações para desvendar os crimes, os integrantes do grupo se veem obrigados a se posicionar diante de questões éticas e problemas sociais, como o uso de drogas na adolescência. O ambiente do Colégio Elite é democrático, e as decisões são tomadas por um conselho formado por professores e alunos. Essa estrutura facilita o debate entre os jovens, e a sincera manifestação de seus pensamentos e de seus ideais. Aventura, mistério e suspense são os ingredientes dessa movimentada trama dos Karas, que se transformou em uma série literária de grande sucesso.

Duração:

Três aulas ou mais.

Atividade:

Pesquisa sobre um tema que lhes diga respeito sob diferentes atividades e posições; estruturar

argumentos com diferentes recursos (pesquisas, estatísticas, autores de notório saber – autoridades sobre o tema, etc.); escutar, buscar entender e debater posições diferentes; entender que, sobre um mesmo tema, existem várias visões; exercitar o diálogo.

1. Abra uma discussão com os alunos sobre temas abordados pelo livro que têm relação com a realidade deles. Exemplos: ética, autonomia x obediência, formação de grupos, experiências de escola (a democrática do Colégio Elite, por exemplo), enfim o que eles identificarem em suas realidades. Seriam factíveis os mistérios e aventuras da época do romance com os tempos atuais?

2. Divida os alunos em um número par de grupos, com 4 e 5 participantes, no máximo. Peça que, a cada 2 grupos escolham um tema dos que foram identificados e listados por eles.

3. O grupo A, até 5 alunos, que escolheu o tema 1, deverá pesquisar e, na aula seguinte, apontar aspectos positivos deste tema 1, aspectos que contribuem para indivíduos ou para a sociedade, argumentos a favor de seu tema, inclusive com pesquisas e referências de pessoas com notório saber sobre o que escolheram.

4. O grupo B deverá preparar aspectos negativos, destrutivos sobre o mesmo tema 1, argumentos contrários ao tema 1 com pesquisas e referências de pessoas com notório saber que sejam contrárias ou que defendam a ideia que o tema 1 é prejudicial aos indivíduos ou à sociedade. E assim com os demais grupos.

5. Peça também que pesquisem o que era a Ágora e como funcionava.

6. É preferível que sejam bem debatidos os temas do que garantir que todos os grupos apresentem numa aula só. Se houver necessidade, que se garanta mais uma aula para os debates.

7. Lembrando do que era a Ágora, os grupos deverão estabelecer regras e, em seguida, se apresentar para um confronto de ideias. É interessante que mais de um aluno possa expor as ideias do grupo. Vale ressaltar que a posição individual de cada um não importa. O que está em questão é a construção da argumentação, a exposição, o exercício de diálogo – portanto, a escuta – e a alteridade.

8. Ao final, peça que cada um mencione aquilo em que mais sentiu dificuldade, o que achou mais desafiador, o que mais gostou, o que mais teve facilidade.

9. Peça que registrem a experiência por escrito depois da argumentação no coletivo.

10. As pesquisas sobre os temas, a organização da “defesa” deverá ser registrada em texto.

IV. O mundo de Sofia

Autor: Jostein Gaarder

Editora : Companhia das Letras

Quem é você? De onde vem o mundo? Essas perguntas de caráter filosófico começam a

chegar pelo correio para Sofia, uma garota norueguesa prestes a fazer 15 anos, cercadas de mistério. Em pouco tempo, o conteúdo da correspondência se transforma em um curso de filosofia a distância. O professor, inicialmente anônimo, é um filósofo chamado Alberto, de 50 anos. Durante o curso, ele percorre a história da filosofia ocidental – e um pouco da oriental – com uma linguagem simples, de fácil compreensão. Cada capítulo é uma aula, uma lição sobre a aventura do pensamento humano que busca conhecer a si mesmo e a realidade à sua volta. E nós, leitores, estamos convidados a apreciar saborosamente esses ensinamentos de grandes pensadores como Sócrates, Platão, Aristóteles, Descartes, Spinoza, Kant, Hegel, Kierkegaard, entre outros. Participamos também de discussões sobre o Helenismo, a Idade Média, a Renascença, o Barroco, o Iluminismo, o Romantismo. Melhor ainda: enquanto entramos em contato com todo esse conhecimento, acompanhamos uma história de suspense que guarda revelações surpreendentes. Repleta de surpresas, a leitura de *O mundo de Sofia* é uma boa maneira de explorar os campos da filosofia de forma leve e descontraída, mas eficiente.

Duração:

No mínimo 3 aulas.

Atividade:

Descobrir o que é filosofia; como o pensamento e questionamento são essenciais para nos constituirmos como sujeitos e como sociedade; descobrir como, ao longo da história da humanidade, existem questões que perseguem o homem desde tempos imemoriais; despertar

curiosidade e interesse dos alunos por uma área do conhecimento-chave para todas as outras; como a filosofia ajuda o nosso desenvolvimento pessoal e da vida em sociedade.

1. Após a leitura do livro, peça que pesquisem individualmente em casa o que é filosofia, o que faz um filósofo e pesquisar quais os autores, as questões ou temas do livro que mais lhes chamaram a atenção. Defina uma data para trazerem essas pesquisas anotadas para a sala.

2. Em sala, divida a turma em 4 grupos e peça que discutam suas pesquisas/respostas (que deverão trazer anotadas). Alguém no grupo deverá ser escolhido (ou mais de um para que se revezem) para anotar os comentários do grupo. Isso deverá ser feito numa cartolina ou flip chart. Faça um levantamento com os alunos sobre as questões/temas que mais despertaram a curiosidade, que foram mais desafiadores. Selecione um número de temas suficientes para que possam ser destinados a duplas ou trios.

3. Peça que cada dupla/trio, com o tema/questão escolhidos, aprofundem a pesquisa no foco escolhido buscando um ou dois autores que mais se detiveram no tema/questão. Deverão contextualizar a época do autor(es) e, explicando como ele(s) define(m) e como abordam o tema/questão.

4. Peça que montem um painel com a síntese da pesquisa do item 3 e que relacionem com questões atuais que tenham analogia com as experiências deles, com as realidades deles. Os alunos podem ilustrar esse painel com desenhos próprios, estêncil, colagem, da forma que

quiserem. Exponha os trabalhos na sala e deixe-os expostos o tempo que for possível.

5. Para ajudar nas pesquisas dos alunos, vale indicar previamente sites, blogs, livros de introdução à filosofia adequados à faixa etária. (10)

6. Uma dica: Se for possível, indique a série espanhola da Netflix *Merlí* (11), criada e escrita por Héctor Lozano e dirigida por Eduard Cortés. É a história de um professor de filosofia para alunos adolescentes e traz diversos debates importantes para a sociedade, incluindo a exposição nas redes sociais, a transfobia, o conservadorismo de alguns pais, entre muitos outros. Há uma rica possibilidade de se fazer análise comparativa com o livro, além dos alunos poderem aprofundar conhecimentos. A série é para o público adolescente, e está fazendo muito sucesso.

V. Vida de Droga

Autor: Walcyr Carrasco

Editora: Ática

Dora é uma adolescente de família rica, com alto padrão de vida e tem tudo aquilo que ela quer. De repente, seu mundo requintado desmorona. O pai perde o bom emprego que tinha, e a família se vê obrigada a fazer uma transformação radical. Vão morar em um pequeno apartamento na periferia da cidade e passam a levar uma vida de privações. Agora, a escola de Dora é pública; seu transporte, o ônibus. Essa nova realidade deixa a garota revoltada. Dora tem vergonha da sua pobreza, não gosta do seu novo bairro e é considerada fresca pelos seus novos colegas.

Aos poucos, e com muita dificuldade, ela tenta se enturmar. Na festa de uma amiga, conhece Guilherme, um garoto um pouco mais velho que se mostra interessado por ela. Ele a chama para dar uma volta, acende um baseado e o oferece a ela. Dora resiste, mas experimenta a droga e se sente bem. Começa a namorar Guilherme, conhece outras pessoas, outras drogas, até que conhece o crack. Dora fica viciada e passa a viver em função do vício. Faz de tudo para comprar a droga e assim inicia um processo de destruição da própria vida. Rouba as joias da mãe, trabalha como garota de programa, acaba morando na rua. O caminho de volta será tortuoso e sofrido, mas com a ajuda de familiares e amigos, Dora está disposta a se livrar do vício.

Duração:

2 a 3 aulas

Atividade:

Trazer à luz questões sobre a realidade da adolescência. Indagar se já experimentaram algo parecido com a história da Dora que tenha impactado nos relacionamentos de amizade e nos amorosos. Promover um fórum de discussões. (12)

1. O grande tema proposto: as drogas – há muita discussão hoje sobre o que de fato provocam. Em alguns países, algumas drogas são descriminalizadas como nos EUA, Canadá, Uruguai. Em vários países, os casos de dependência são considerados problema de saúde pública como Holanda, Portugal, etc. Qual a opinião de cada um? Nova oportunidade de se trabalhar argumentação, pedindo que realizem pesquisas

trazendo informações de diferentes pontos de vista, mas embasadas com dados e pesquisas científicas. Se possível, pedir aos professores de inglês que ajudem nas pesquisas para que possam entender como é a política pública em outros países como no Canadá; EUA (vários estados) onde o uso medicinal e/ou recreativo da maconha, por exemplo, está liberado; e Holanda.

2. Outro aspecto relevante para a polêmica: como uma droga tão violenta como o álcool é aceita socialmente? O índice crescente e alarmante de alcoolismo de adolescentes e jovens por que não é debatido abertamente? Esse aspecto deve ser inserido na pesquisa solicitada no item 1.

3. Como a dinâmica da Ágora: peça que os alunos entrevistem ou convidem professores de Ciências, professores de Matemática (para auxiliá-los a interpretar dados estatísticos), especialistas no tratamento de dependentes de álcool e outras drogas, que promovam um fórum de discussões. Atenção para permitir grande abertura ao debate. É mais importante que as informações sejam de diferentes pontos de vista e que estejam embasadas.

VI. O apanhador no campo de centeio

Autor: J. D. Salinger

Editora: Editora do Autor

O norte-americano Holden Caulfield tem 17 anos e foi reprovado no colégio interno em que estudava. Antes de voltar para casa, resolve passar o fim de semana em Nova York, vagando sem destino, adiando o constrangedor reencontro com os pais. Enquanto passeia ao léu

pela metrópole, vivendo algumas aventuras, o garoto reflete sobre sua vida, revelando angústias e inquietações características de um adolescente comum à procura de sua identidade. Estamos no final dos anos 1940. Holden conta sobre sua decepção com a descoberta de tanta hipocrisia na sociedade de consumo do pós-guerra, com a tentativa de manipulação da vida dos indivíduos, com a valorização de ilusões tão superficiais. Ele se sente sozinho e incompreendido, com dificuldade de se integrar em um mundo que estimula o egoísmo e a falta de escrúpulos. Por causa dessa visão crítica apresentada pelo protagonista, este livro se tornou uma referência fundamental para os movimentos de contracultura nos anos 1960 e 1970, e foi incluído em várias listas dos melhores romances de todos os tempos em língua inglesa. Seu autor, J. D. Salinger (1919-2010), nunca quis saber do sucesso, recusando-se a ser uma celebridade, manteve-se recluso e deu pouquíssimas entrevistas durante a vida.

“O personagem explica que gostaria de ser um “apanhador” em meio às crianças que brincavam num campo de centeio sem perceber que ele terminava à beira de um abismo. Sua função no mundo seria pegar (apanhar) as crianças que se aproximassem demasiadamente do abismo, impedindo que elas caíssem. Talvez o livro tenha sido escrito justamente para nos salvar desse abismo em que a sociedade humana se transformou nas últimas décadas, doente do egoísmo alimentado por um capitalismo sem escrúpulos.” (13)

Duração:

Duas semanas para *storyboard*; duas semanas para “atualização” de Holden em outras linguagens.

Atividade 1:

Pedir aos alunos que criem um *storyboard*, uma história em quadrinhos, capturando o arco narrativo do livro a partir das 6 etapas principais do enredo. Para cada etapa, peça aos alunos que criem uma cena que siga a história em sequência usando:

- A apresentação geral: personagem, época, local.
- Conflito: qual(is) o(s) problema(s) enfrentados e que deve(m) ser encarado(s).
- Crescente da ação: como se desenrola o enredo.
- Clímax: o ápice da história, o momento da virada.
- Encaminhando desfecho: o desenrolar do clímax.
- Resolução: o desfecho da história.

Para criar os quadrinhos e ambientar a história, os alunos deverão pesquisar sobre a cidade de Nova York após a Segunda Grande Guerra. Será importante um trabalho conjunto com Artes, Geografia e História para que os quadrinhos possam trazer o ambiente, o clima, a arquitetura, e expressar as decepções, angústias e desesperanças experimentadas pelo personagem principal naquele tempo e local.

Atividade 2:

Pedir que atualizem o personagem principal para os dias de hoje. Podem escolher a linguagem: quadrinhos, vídeo (que pode ser feito com celular), texto (poema, crônica, conto), música teatro, o que preferirem.

VII. Mayombe**Autor: Pepetela****Editora: Leya Casa da Palavra**

Mayombe é o nome de uma região florestal da África, que se estende por vários países, inclusive Angola. Nessa região, ocorreram batalhas entre os guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e as tropas coloniais de Portugal. Um dos propósitos da guerrilha era acabar com a exploração de madeira sem ferir os trabalhadores africanos. Esses eram presos e soltos depois de receberem uma explicação sobre o mal que os colonizadores faziam a eles e ao país. O livro *Mayombe*, considerado uma mistura de romance e reportagem, foi escrito durante essa guerra de libertação, no início dos anos 1970, e publicado em 1980. Seu autor, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, o Pepetela, participou ativamente das operações e dos combates na província de Cabinda, e registrou em seu texto as ações, contradições e reflexões do grupo que lutava pela independência de Angola. Os guerrilheiros eram de diversas etnias do país, e tinham de superar os conflitos provocados por suas diferenças socioculturais em prol do objetivo comum a todos, mas deixar as rivalidades de lado não era uma tarefa fácil. A independência de Angola foi proclamada em 1975, e Pepetela se tornou vice-ministro da Educação do país, cargo que ele exerceu durante sete anos.

Duração:

Dependerá da extensão do trabalho que se propuser a realizar.

Atividade:

Há alguns aspectos importantes a serem

ressaltados neste livro, e que podem gerar diferentes trabalhos.

1º Embora seja um romance, *Myombe* tem profundo caráter documental. Pedir que, em trios, descubram na literatura brasileira obras que tenham estrutura semelhante, que tenham caráter jornalístico. Após identificarem as características desse “gênero” literário, peça que façam um texto jornalístico a respeito de algum evento importante da cidade, estado ou país, tomando como inspiração o livro de Pepetela ou alguma outra obra semelhante. Poderão incluir fotos, ilustrações, entrevistas e outros recursos de uma reportagem jornalística.

2º Outro aspecto importante é o português de Angola. O idioma é o mesmo que o nosso, no entanto, diferente. Peça que façam uma pesquisa sobre expressões que encontraram no livro que comprovam esta afirmação. Em geral, essas expressões não dificultam a compreensão, é possível entender o sentido. Peça que traduzam essas expressões para o português brasileiro culto e para a linguagem coloquial, com gírias que eles mesmos utilizam.

3º Em uma pesquisa mais ampla, junto com História e Geografia:

a) Os alunos deverão buscar entender a complexidade da formação dos países africanos, em especial a formação de Angola, pois eles se formaram subjugando inúmeras tribos que habitavam a região, com significativa diversidade cultural, onde se formou Angola e a união dessas diferentes tribos em prol de um objetivo comum, a sua independência de

Portugal no século XX.

b) Poderão traçar um paralelo com a colonização portuguesa no Brasil, no século XVI, quando havia em torno de 4 milhões de indígenas, divididos nos seguintes troncos linguísticos: tupis-guaranis (região do litoral), macro-jê ou tapuias (região do Planalto Central), aruaques ou aruak (Amazônia) e caraíbas ou karib (Amazônia). Estima-se que, na época da chegada dos europeus, fossem mais de 1.000 povos. Atualmente encontramos no território brasileiro 255 povos, falantes de mais de 150 línguas diferentes.

c) Poderão pesquisar sobre quais tribos ou nações indígenas viviam na região em que estão. Há traços da cultura indígena nos seus modos de vida, nas suas expressões culturais hoje? As comunidades indígenas remanescentes nas proximidades? Em São Paulo há uma comunidade Guarani no Jaraguá. E na sua cidade? É possível visitá-los, entrevistá-los?

d) Aproveitando as pesquisas anteriores, um estudo interessante poderá ser um debate relacionando-as com o filme indicado *Ex-pajé*. Uma boa discussão que pode ser fomentada é sobre cultura, seus diferentes aspectos e o que pode promover sua transformação.

VIII. Quarto de despejo

Autora: Carolina M. Jesus

Editora: Ática

A descoberta deste livro começa com a ida do jornalista Audálio Dantas à favela do Canindé, na cidade de São Paulo, no fim dos anos 1950, para fazer uma reportagem sobre o crescimento do

local. Lá, Audálio conhece a moradora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), uma mulher negra, catadora de papel, mãe de três filhos, solteira, semianalfabeta que escrevia em cadernos recolhidos do lixo um diário sobre a sua vida de privações na favela, com o dinheiro sempre contado e nunca o suficiente para comprar o mínimo necessário para a alimentação dos filhos. Consciente das injustiças sociais que todos ali sofriam, Carolina tentava ajudar os vizinhos em casos de violência doméstica e de alcoolismo, mas às vezes era acusada de intrometida. Audálio ficou impressionado com sua narrativa sincera, trágica e angustiante, e foi o responsável pela edição e publicação do texto, primeiro no jornal *Folha da Noite* (1958), depois na revista *O Cruzeiro* (1959), e finalmente do livro *Quarto de despejo* (1960). Em poucos meses, foram vendidos mais de 100 mil exemplares, número bastante significativo para a época. Carolina comprou uma casinha no subúrbio, virou celebridade. Todos queriam conhecer a mulher que revelou a realidade da vida na favela, do sofrimento e indignação de uma população carente de tudo.

Uma mulher negra e favelada é responsável por um dos registros de época mais importantes na nossa literatura, em final dos anos 1950, ironicamente contemporâneo ao grande plano de desenvolvimento nacional de Juscelino Kubitschek para o Brasil, “50 anos em 5”. Esse livro só foi possível porque Audálio Dantas, importante jornalista e intelectual brasileiro, tomou para si a empreitada de divulgar os diários de Carolina Maria de Jesus.

Duração:

- Dependerá da extensão do trabalho que se

propuser fazer.

Atividade:

Alguns dos aspectos importantes do livro e que podem ser pesquisados:

- características da construção do texto: foco narrativo, caráter confessional – diário – e ao mesmo tempo jornalístico (“testemunho da história”);
- contexto histórico;
- questão urbana - configuração das cidades e suas favelas (origens das favelas com abolição dos escravos, ver, por exemplo, Darcy Ribeiro, Milton Santos);
- aspectos culturais, especialmente os relacionados a costumes e hábitos de favelados na década de 1950;
- o lugar de artistas e escritores negros na nossa cultura que muitas vezes são “embranquecidos”;
- a constituição de nossa população em diferentes momentos da história do Brasil, com uma discussão sobre raça e etnia;
- a importância crucial da mulher negra na constituição de nossa sociedade;
- o empoderamento feminino nos últimos anos, no Brasil e no mundo.

1. Pesquise esses aspectos previamente e traga tarjetas com informações sobre cada um deles para distribuir aos alunos. Cada tarjeta será um ponto de partida para a pesquisa posterior que os alunos irão fazer. Eles poderão escolher o que irão pesquisar.

2. Proponha uma discussão em sala com todos os alunos, sobre as suposições que eles têm a

respeito dos aspectos mencionados. Peça que anotem as suas suposições.

3. As pesquisas não deverão ser estilo Wikipedia, com textos curtos, informações sucintas, dados estatísticos. Mobilize Ciências, Biologia, Artes, História, Geografia. A forma como ocupamos os espaços, os aspectos urbanos são importantes e retratam nossa (des)organização social. As expressões artísticas nas favelas e nas ruas da cidade deverão ser contempladas no trabalho. Se não estiver em um grande centro urbano, onde essas manifestações são comuns, poderá focar em como sua cidade foi se configurando, como os diferentes segmentos sociais e atividades se distribuíram no espaço físico. De qualquer forma, é relevante entender como os grandes centros urbanos se constituíram e (não) incorporaram a massa de escravos após a abolição.

A partir de Carolina Maria, os alunos também poderão reconhecer a importância de nossas origens: indígenas e negros. Resgate o trabalho realizado com livro *Myombe* e com o filme *Ex-Pagé*; discuta as raras possibilidades de superação de barreiras na construção de nossa história. Poderão fazer um paralelo entre essas possibilidades na década de 1950, da representatividade das chamadas minorias, e as suas contínuas mobilizações para assegurar seu espaço, seus direitos com dignidade na sociedade hoje.

4. Por fim, uma outra proposta de trabalho é a reprodução parcial de uma favela real ou fictícia, em uma maquete com materiais recicláveis. A partir da narrativa de Carolina Maria, deverão ser

identificados elementos mais significativos, além de pesquisas sobre esses espaços atualmente. Salientar que os materiais usados na década de 1950 nas favelas não são os mesmos da atualidade. Hoje, há muito mais pequenas casas de alvenaria do que no passado. Essa atividade envolverá Matemática, Ciências e Artes.

Sugestão: *A Última Abolição*, documentário de Alice Gomes, lançado em 2018. (14)

IX. A teus pés

Autora: Ana Cristina César

Editora: Companhia das Letras

Mistura de prosa e poesia, *A teus pés* é o único livro publicado por uma editora durante a vida de Ana Cristina César (1952-1983), uma das mais importantes autoras da chamada Geração Mimeógrafo, um movimento literário do Brasil dos anos 1970, quando a censura estava em vigor. Lançado em 1982, o livro reúne três obras editadas de forma independente – *Cenas de abril*, *Correspondência completa* e *Luas de pelica* –, mas também apresenta textos inéditos. Elogiada por escritores consagrados, como Silviano Santiago e Heloísa Buarque de Hollanda, Ana Cristina apresentava um trabalho distante da narrativa e da poesia tradicionais. Muitas vezes, seus escritos parecem observações fragmentadas e desconexas sobre um cotidiano problemático e insólito. Suas experiências existenciais eram registradas de maneira bastante confessional, oferecendo ao leitor a oportunidade de refletir sobre a subjetividade da autora, com um grande número de possíveis interpretações do que

poderia ou não estar contido nas entrelinhas de seus poemas e textos: *Onde seus olhos estão/ as lupas desistem./ O túnel corre, interminável/ pouso negro sem quebra/ de estações.* (trecho do poema “que desliza”.) Ana Cristina Cesar suicidou-se quando tinha apenas 31 anos.

Nas palavras de seu amigo e também escritor Caio Fernando Abreu: “Fascinada por cartas, diários íntimos ou o que ela chama de ‘cadernos terapêuticos’, Ana C. concede ao leitor aquele delicioso prazer meio proibido de espiar a intimidade alheia pelo buraco da fechadura. Intimidade às vezes atrevida, mas sempre elegantíssima. Intimidade dentro de um espaço literário particular, onde não há diferente entre poesia e prosa, entre dramático e irônico, culto e emocional, cerebral e sensível.”

Atividade 1:

Conteúdo de teoria literária - Discussão sobre as tênues fronteiras entre “gêneros” literários, uma vez que os poemas de Ana Cristina César têm traços prosaicos bastante específicos. Mostrar exemplos de textos literários em que poesia e prosa se misturam, como *Iracema*, de José de Alencar, ou os poemas abaixo:

Dado, de Airton Paschoa

Não deu. Não sei exatamente por quê, mas não deu. Não sei se foi impossibilidade minha, impossibilidade exclusivamente pessoal, medo de me atirar e pronto. Não sei se foi impossibilidade de jogar, rolaram tantas coisas! impossibilidade histórica e ponto. Não sei se foi metafísica – a Impossibilidade. Não havia cartada decisiva. A manga estava vazia. (Como vazia está a praça, a página.) O fato é que não deu. E podia ter dado.

Andavam juntos, Clarice Lispector

Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede deles.

Por causa de carros e pessoas, às vezes eles se tocavam, e ao toque - a sede é a graça, mas as águas são uma beleza de escuras - e ao toque brilhava o brilho da água deles, a boca ficando um pouco mais seca de admiração.

Como eles admiravam estarem juntos!

Poderá pedir que pesquisem por outros textos em que poesia e prosa estejam “misturados”, e que tentem escrever textos misturando poesia e prosa.

Atividade 2:

Pedir que escolham um dos poemas de Ana Cristina Cesar, façam uma paráfrase e uma tentativa de análise. Identifiquem o conteúdo e a forma.

A partir do texto escolhido, deverão criar um Rap, refazer o conteúdo do poema em outra forma. As letras de Rap podem ter um forte traço de poesia e de prosa ao mesmo tempo. Esses aspectos têm de ser observados na criação do Rap.

Outra possibilidade: aproximar um poema de Ana Cristina Cesar de literatura de cordel, pois são estilos e formas completamente distintos, e as diferenças deverão ser ressaltadas. O conteúdo pode ser abordado em outros estilos e formas.

X. As mulheres que correm com os lobos

Autora: Clarice Pinkola Estés

Editora: Rocco

A psicanalista junguiana Clarissa Pinkola Estés acredita que muitos dos problemas vividos pelas mulheres de hoje em dia – como o medo, a

depressão e a fragilidade – são antigos e têm origem na formação de uma cultura que promoveu uma espécie de domesticação das mulheres. Para a autora, que nesta obra analisa vários mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem, o material apresentado tem o objetivo de encorajar as mulheres: “O trabalho é oferecido como um fortificante para aquelas que estão no meio do caminho, incluindo-se as que lutam em difíceis paisagens interiores bem como as que lutam no mundo e por ele”. Com o auxílio de técnicas de psicologia e de expressão artística, Clarissa sugere o resgate das características femininas de um passado distante, quando a mente das mulheres era mais instintiva e profunda, como forma de alcançar a legítima libertação da alma feminina em sua essência. Nesse sentido, compreender a natureza da mulher selvagem é uma tarefa fundamental que deve ser mantida durante toda a vida, através de profundas pesquisas “psíquico-arqueológicas” nos escombros do mundo feminino. Os lobos são uma referência de similaridade: gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força.

Se entender que a leitura completa do livro pode ser desafiadora demais ou desestimulante para seus alunos, escolha algumas das histórias da tradição oral que estão transcritas no livro e proponha uma discussão sobre a mulher, os estereótipos, seus diferentes papéis e lugares no mundo hoje, suas conquistas, suas batalhas por dignidade e respeito.

Duração:

A proposta de trabalho para este livro está desdobrada em duas. Primeiro será importante os alunos entenderem figuras de linguagem,

sentidos figurados, para melhor compreenderem os textos. Em segundo, uma pesquisa sobre mulheres hoje. Assim, o trabalho poderá exigir bastante tempo, de 3 a 4 semanas até a montagem final do painel.

Atividade 1:

Proponha uma discussão sobre o significado do título como uma introdução para discussão sobre figuras de linguagem, sobre sua importância para enriquecer as leituras e interpretações que fazemos de textos e do mundo. Dê exemplos de como figuras de linguagem são capazes de dar sentidos mais profundos, ricos e complexos do que os sentidos literais.

Atividade 2:

Em conjunto com Matemática, os alunos deverão pesquisar dados estatísticos para montagem de um grande painel informativo sobre:

- Violência contra a mulher, os tipos, quem pratica, comparações com outros países, dados nos estados brasileiros, as punições, quais faixas etárias mais vulneráveis, etc.;
- As políticas públicas que visam coibir a violência e discriminação contra as mulheres e as políticas que visam protegê-las;
- As mulheres no mercado de trabalho – formalidade x informalidade, remuneração, a responsabilidade que desempenham em relação às famílias (são “chefes de família”), qualificação profissional, etc.;
- As mobilizações, os movimentos sociais que buscam garantir direitos, dignidade e respeito às mulheres.

Os alunos também poderão “preencher” esse grande painel com ilustrações e textos que

retratam o que os dados matemáticos-estatísticos trarão. Poderão ainda, entrevistar mulheres que estejam engajadas no reconhecimento de direitos, proteção, políticas públicas, ou que sejam exemplos de superação das barreiras que as mulheres normalmente enfrentam, como meio de mostrar que a superação é possível.

Frases do livro, que podem servir de inspiração:

...“os lobos e as mulheres saudáveis têm certas características psíquicas em comum: percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para a devoção. Os lobos e as mulheres são gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos e têm grande preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Tem experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mutação. Têm uma determinação feroz e extrema coragem.”

“Seremos nós mesmos faz com que acabemos excluídos pelos outros. No entanto, fazer o que os outros querem nos exila de nós mesmos.”

“Embora o exílio não seja algo que se deseje por diversão, há um ganho inesperado nele: são muitos os presentes do exílio. Tira a fraqueza a tapas, faz desaparecer as lamúrias, habilita a percepção interna aguda, aumenta a intuição, confere o poder da observação penetrante...”

“O amor na sua forma mais plena é uma série de mortes e renascimentos. Deixamos ir uma fase, um aspecto do amor, e entramos em outra. A paixão morre e é trazida de volta.”

“Ser forte não significa exercitar os músculos. Significa encontrar seu próprio brilho sem fugir, vivendo ativamente com a natureza selvagem de uma maneira própria. Significa ser capaz de aprender, ser capaz de defender o que sabemos. Significa se manter e viver.”

2. FILMES

I. Extraordinário (Wonder)

Direção: Stephen Chbosky

Produtora: Lionsgate

Distribuidora: Paris Filmes

Duração: 1h 51 minutos

Ano: 2016

O menino Auggie Pullman nasceu com um problema grave: a síndrome de Treacher-Collins, um distúrbio genético que provoca deformidades no crânio e na face. Aos 10 anos de idade, depois de passar por 27 cirurgias, mas ainda com um rosto bastante “diferente”, Auggie finalmente começa a frequentar uma escola. A nova rotina não é fácil, ele sabe que os colegas e professores vão estranhar sua aparência e que ele vai ser constantemente observado. Jacob Tremblay, o ator mirim que interpreta Auggie, procurou conhecer crianças com o mesmo problema de seu personagem e pediu-lhes que lhe escrevessem cartas sobre suas vivências. As histórias pessoais dessas crianças lhe serviram de referência e inspiração na hora de atuar. A cada dia de trabalho, Jacob passava cerca de duas horas na sala de maquiagem para se transformar em Auggie. *Extraordinário* foi baseado em um livro de mesmo nome, da norte-americana R. J. Palacio, que teve a ideia de escrever a história depois de ver uma criança portadora da síndrome em uma sorveteria. Julia Roberts gostou tanto do livro, que pediu ao seu agente para tentar colocá-la

numa possível versão para o cinema, e a estratégia deu certo. A atriz faz o papel da mãe de Auggie nessa comovente história de superação.

Duração:

Uma aula para assistir ao filme e mais duas para as atividades.

Atividade:

“Não somos todos iguais!”! Ainda bem! Essa é nossa maior riqueza!

Providencie um grande rolo de papel craft. Estenda o rolo no chão, estique o papel e peça para que cada um deite sobre papel. Recorte o papel com margem de 20 centímetros a partir dos pés e da cabeça. Cada aluno deverá segurar sua folha.

Depois que estiverem todos com seus papéis, devem formar duplas. Um deita sobre sua tira de papel, de barriga para cima, e o outro pegará um lápis 6b e desenhará o contorno do corpo do colega, com respeito e capricho.

Se for possível fazer a atividade na quadra ou em um local bastante espaçoso será melhor e menos tumultuado. É para ser feito individualmente e, se possível, em silêncio, para que possam se concentrar em si mesmos.

Cada aluno deverá escrever a lápis, dentro do boneco, a origem de sua família – de seus avós, de seus pais – de que cidades, estados, países vieram, suas etnias², raça³, se há ascendência de índios,

2 Coletividade que se diferencia por suas especificidades (cultura, religião, língua, modos de agir etc.), e que possui a mesma origem e história; grupo étnico: etnia cigana. [Pejorativo] Termo comumente usado para se referir à semelhança biológica, às pessoas que compartilham a mesma raça.

3 Categorização que pretende classificar os seres humanos, pautando-se em caracteres físicos e hereditários. Grupo de indivíduos cujos caracteres biológicos são constantes e passam de uma geração para outra: raça branca, raça negra etc. Sucessão de ascendentes e descendentes de uma família, um povo; geração, descendência, linhagem: raça de Davi. Subdivisão de uma espécie: raças humanas. [Popular] Desejo intenso, constante de quem busca algo e não desiste com facilidade daquilo que quer: o jogador ganhou na raça! [Figurado] Categoria de pessoas da mesma profissão, de inclinações comuns; classe: os agiotas constituem má raça.

negros, japoneses, portugueses, árabes, ingleses, enfim, características marcantes da família que os definem. Deverão ainda escrever a religião(ões) da família e a sua, se tiver; time(s) de futebol dos familiares e o seu; profissões dos familiares; escola de samba ou alguma outra atividade cultural da qual a família participe. Escrever também se há algum portador de deficiência.

Deverão marcar ainda, cor de olhos e cabelos, altura, peso se souberem. Poderão levar as questões que não souberem para perguntar em casa e completar o seu boneco na aula seguinte. Com caneta de outra cor, deverão marcar cicatrizes físicas no corpo.

Com outra cor, características “emocionais” – se são extrovertidos, se são envergonhados, se são bravos, se são afetuosos, bem-humorados, mal-humorados, curiosos, preguiçosos...

Por fim, em outra cor, algo que considerem muito especial em si, que lhes dá orgulho. E algo que não gostam de si, que queriam que fosse diferente, que lhes dá vergonha, insegurança, seu ponto fraco.

Ao terminarem, os “retratos” deverão ser pendurados. Todos serão convidados a percorrer a exposição. Deverão identificar semelhanças e diferenças. A diversidade.

II. Escritores da Liberdade

Direção: Richard LaGravenese

Produtora: Paramount Pictures

Distribuidora: Paramount Pictures

Duração do filme: 2h 04 minutos

Ano: 2007

A professora recém-formada Erin Gruwell, interpretada por Hilary Swank, tem uma tarefa

e tanto pela frente no início de sua carreira. Ela é a responsável por uma turma-problema de um novo programa de integração, com alunos pobres de minorias sociais discriminadas, que mantêm um comportamento hostil entre seus grupos. Além disso, a senhora Gruwell também tem de enfrentar o modelo preconceituoso de um sistema educacional que considera esses alunos como casos perdidos. Sempre vista com desconfiança, a atitude corajosa dessa professora novata vai, aos poucos, com a força de seu idealismo sincero e cordial, derrotando a intolerância, conquistando os alunos e prevalecendo na escola. A senhora Gruwell consegue estabelecer um convívio harmonioso da turma e incentiva os alunos a acreditarem em si mesmos e lutarem pelos seus sonhos. Faz com que todos se sintam motivados a escrever um diário e valoriza a história de cada um deles. O exercício da escrita é transformador para a turma, e os alunos começam a apresentar um amadurecimento significativo, compreendendo a importância do respeito e da solidariedade na vida social. Baseado em uma história real, o filme *Escritores da Liberdade* se passa em Los Angeles, nos Estados Unidos, no início dos anos 1990.

Duração:

Uma aula para assistir ao filme e iniciar os debates;

Atividade:

Passar o filme para os alunos sem dar muitas informações, sem paráfrase, apenas contar que é um filme baseado em história real. Peça que assistam com atenção.

- Abra uma conversa livre ao final, permita que falem sem roteiro ou questões prévias. Será importante anotar essas falas. Se houver poucos

comentários, sugira que contem o que mais lhes tocou, o que deu raiva, o que angustiou, o que deu esperança;

- Peça que façam analogia entre a escola do filme e a sua escola; entre a diversidade do grupo no filme e a diversidade na sua sala ou escola;
- Peça que façam uma analogia entre situações do filme com situações que tenham visto em outro filme, livro, novela ou que tenham experimentado;
- Proponha uma discussão sobre “escola”; o que a escola tem de bom; o que possibilita; o que tem de ruim, o que cerceia;
- A escola é um espaço de diálogo? E sobre convivência? Pode ser um lugar para superação de adversidades individuais e ou coletivas? Pode ser lugar de resgate de autoconfiança? Pergunte aos alunos o que eles podem propor e fazer para que a escola seja melhor para eles mesmos e para o coletivo da escola?

Todas as questões sugeridas devem ser debatidas coletivamente, mesmo que ocupem mais de uma aula e que seja necessário assistir ao filme novamente.

Em seguida, os alunos deverão pesquisar como se faz uma entrevista. A partir do filme e do que foi debatido por eles, em grupos de 3 ou 4 alunos, deverão criar questões para entrevistar pessoas dentro e fora da escola, sobre suas experiências de escola, o que eles acham que a escola lhes permitiu, incentivou, despertou e no que a experiência de escola lhes cerceou. Se possível, deverão gravar áudio e ou filmar as entrevistas. Deverão pensar em como envolver os entrevistados, em como aproveitar ganchos que o entrevistado der nas suas respostas. Se tiverem aulas de teatro, recursos de expressão corporal, de fala, de escuta serão importantes.

III. Cidade Cinza

Direção: Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo

Produtora: Produção Independente

Distribuidora: Espaço filmes

Duração do filme: 1h 20 minutos

Ano: 2013

Em 2008, a Prefeitura da Cidade de São Paulo, por meio de seu Serviço de Pintura e Recuperação de Superfícies Pichadas, apagou um painel de mais de 700 m² cobrindo-o de tinta cinza. A obra, realizada em 2002, era assinada por um grupo de artistas de rua reconhecidos no mundo inteiro. Três deles, Os Gêmeos – Gustavo e Otávio Pandolfo – e Nunca – codinome de Francisco da Silva –, haviam sido convidados para pintar os muros da fachada do Tate Modern, um dos museus mais importantes de Londres, naquele mesmo ano de 2008. A prefeitura paulistana reconheceu o erro e convidou o mesmo grupo de artistas para refazer a obra. O trabalho da nova pintura foi gravado em audiovisual, e vários depoimentos dos artistas foram colhidos. O serviço de pintura da prefeitura também foi acompanhado e ouvido, e intervenções gráficas em inúmeras ruas foram gravadas. Esse material serviu de base para o filme *Cidade Cinza*, que apresenta uma discussão sobre a arte de rua, a existência ou não de diferenças entre a pichação e o grafite, e mostra o hip hop – junto ao rap e o break – como expressão musical e poética dessa mesma cultura. O documentário dá voz aos artistas de rua e questiona até aonde deve ir a interferência da administração municipal sobre o trabalho deles nos espaços públicos das cidades.

Duração:

Uma aula para assistir ao filme e iniciar os debates;

Atividade:

Esse documentário sobre renomados grafiteiros paulistanos mostra a necessidade de se humanizar os espaços urbanos, a importância da arte como expressão, as possibilidades de movimentos da sociedade para se viver melhor.

- Proponha um exercício de olhar, de percepção dos espaços públicos por onde eles circulam. Peça que façam registros com desenhos, pinturas, textos, como preferirem sobre esses espaços. Esses exercícios podem ser feitos em duplas e deverão ser expostos na sala;
- Depois da observação dos registros das duplas, proponha uma eleição dos espaços que acham mais importantes (2 ou 3) e peça que avaliem as possibilidades de melhoras desses espaços. Será muito importante que escolham propostas factíveis de realização, com as devidas autorizações de autoridades municipais. Exemplos de ações: limpeza e pintura de praças, colocação de recipientes de coleta seletiva de lixo, campanha de conscientização sobre uso de água em simultâneo à oficina de arte aberta à comunidade, pintura de brinquedos em praça para crianças; execução de grafites em algum muro na redondeza da escola (com autorização do dono do muro, naturalmente!), etc.;
- Avalie também, se há a possibilidade na escola para que o 9º ano possa deixar sua marca pintando um muro. Se for possível, tente convidar um grafiteiro da sua cidade para dar uma oficina de grafite para os alunos. Existem diferentes técnicas que eles poderão usar no muro da escola num desenho coletivo ou em vários individuais.

Em qualquer ação terão de calcular áreas, quantidades de tintas, como misturar tintas para

obtenção de cores, como manipular materiais, guardá-los, se houver impressos qual a quantidade ideal para o público que pretenderem atingir. Um bom planejamento, com bons cálculos, permitirá melhores resultados.

IV. Ex-pajé

Direção: Luiz Bolognesi

Produtora: Buriti Filmes e Gullane

Distribuidora: Gullane

Duração do filme: 1h 21 minutos

Ano: 2017

“O etnocídio não é a destruição física dos homens, mas a destruição sistemática de seus modos de vida e pensamento. Enquanto o genocídio assassina os povos em seu corpo, o etnocídio os mata em seu espírito.” Epígrafe do filme, esta citação do antropólogo Pierre Clastres serve de chave para o entendimento do que vamos assistir. O documentário *Ex-Pajé* apresenta a história de Perpera Suruí, do povo paiter suruí, um povo indígena que vive em áreas de Mato Grosso e de Rondônia. Perpera é um pajé que perde sua função na tribo, a partir da chegada de uma igreja evangélica que sataniza a pajelança e a própria mitologia indígena. Depois de ver seu povo ser doutrinado e lhe virar a cara, o ex-pajé só consegue o respeito de volta quando aceita trabalhar, de camisa social e gravata, para a instituição que promoveu sua desvalorização moral e perverteu sua importância social de guardião da cultura de sua etnia. Perpera se torna o responsável por abrir a igreja, suas janelas, e ficar à entrada recebendo os fiéis para o culto. Mas ele ainda vai ter oportunidade de

mostrar seu valor de pajé e a força espiritual de seu povo. Registro contundente do fenômeno da aculturação, *Ex-Pajé* foi premiado em vários festivais nacionais e internacionais.

Atividade:

Este filme deve ser trabalhado em simultâneo ou em seguida às atividades desenvolvidas a partir do livro *Myombe*.

a) Pesquisar sobre quais tribos ou nações indígenas viviam na região em que estão. Há traços da cultura indígena nos seus modos de vida, nas suas expressões culturais hoje? As comunidades indígenas remanescentes nas proximidades? Em São Paulo há uma comunidade Guarani no Jaraguá. E na sua cidade? É possível visitá-los, entrevistá-los?

b) Uma boa discussão a ser fomentada é sobre Cultura, seus diferentes aspectos e o que promove sua transformação. Como seu deus a submissão das culturas indígenas e negras pelo colonizador português e as expressões atuais dessas culturas misturadas.

V. O que te faz mais forte

Direção: David Gordon Green

Produtora: Lionsgate

Distribuidora: Paris Filmes

Duração do filme: 1h 59 minutos

Ano: 2017

O trágico atentado terrorista durante o final da Maratona de Boston, nos Estados Unidos, que matou três pessoas e deixou centenas de feridos, é o dramático pano de fundo da história de Jeff Bauman, vivido pelo ator Jake Gyllenhaal.

Bauman aguardava sua namorada perto da linha de chegada quando foi atingido por uma das duas bombas montadas dentro de painéis de pressão. Elas explodiram às 14h45 do dia 15 de abril de 2013, ele tinha 27 anos. Jeff foi operado no mesmo dia, e suas duas pernas foram amputadas acima dos joelhos. Não houve muito tempo para ele absorver o impacto e aprender a lidar com a própria dor. O jovem, trabalhador simples de uma multinacional do comércio, foi elevado à categoria de herói e seguidamente convidado para entrevistas e programas de televisão – sua tragédia pessoal virou um grande espetáculo. A sociedade e a mídia precisavam fazer de Jeff um exemplo de superação e vitória, mostrando sua força, seu entusiasmo, e acenavam com a fama e o sucesso. Os benefícios de uma vida de celebridade foram capazes de recompensar todo o drama sofrido por Jeff Bauman? O filme *O que te faz mais forte* é baseado no livro de mesmo nome, lançado por Bauman com a colaboração do escritor Bret Witter, um ano depois do atentado.

Atividade:

Este filme é um “filme de superação”, ou seja, que conta a história de alguém que conseguiu superar um evento trágico, uma adversidade muito séria e ressignificou sua vida. Essa guinada deve-se a vários fatores: ferramentas emocionais do indivíduo que lhes são próprias, perspectivas que ele vislumbra em meio à adversidade ou perspectiva que ele cria para si, desafios que impõe a si mesmo, apoios externos. O livro *Vida de Droga* e o filme *Extratordinário* podem ser entendidos como histórias de superação também;

- Uma boa atividade será trabalhar junto com Educação Física. Logo após assistirem ao filme, abra

para debate. Perguntem se conhecem alguém que tenha passado por uma grande dificuldade (não precisam identificar se não quiserem). Pergunte como a pessoa encarou a situação, se conseguiu superar ou não. Tente levantar as características dessa pessoa a partir do ponto de vista de quem estiver narrando a história, e vá anotando numa cartolina ou papel grande para que todos vejam. Deixe que o aluno que narra identifique as características, não as antecipe. Guarde as anotações;

- Peça que lembrem de brincadeiras, jogos, modalidades esportivas que gostavam quando crianças e das gostam que hoje; as que tinham muita facilidade e as que tinham dificuldades, quando crianças e hoje. Essa pesquisa prévia será importante para providenciar os materiais que eles precisarão na aula seguinte (cordas, bolas, elásticos, saquinho de arroz, palitos, etc.);
- Na quadra, em pequenos grupos, peça que relembrem as situações em que não conseguiam superar alguma dificuldade, que mostrem como faziam e se ainda sentem dificuldade. Que tenham a oportunidade de em uma aula realizar as atividades físicas e se divertir com suas limitações e habilidades;
- Na aula seguinte: retome a conversa e perguntem como se sentiam frente à dificuldade. Se superaram, como conseguiram? Se não, como lidaram e ou lidam com essa situação. Anote os comentários em um grande papel e ao final afixe o papel da aula anterior, onde estão anotadas as características das pessoas que os alunos apontaram como tendo vivido grandes dificuldades. Peça que façam um comparativo. Um grande exercício é reconhecer sentimentos e nomeá-los. Isso é fundamental para conseguir lidar com eles e superá-los para fazer frente às restrições da vida. Não há projeto de vida que

não tenha adversidades, imprevistos, dificuldades. Que ferramentas emocionais, além de resiliência, precisamos desenvolver para dar a volta por cima? Peça que pesquisem casos famosos de superação. Proponha uma discussão a partir da charge abaixo sobre possibilidades de superação.



3. JOGOS MATEMÁTICOS

I. Kit Geometria Plana

O kit é composto por 78 peças de plástico que podem ser encaixadas para a formação e o estudo das propriedades de figuras geométricas planas. Algumas peças são retas (tipo palito de sorvete), estão disponíveis em três tamanhos, e com três, quatro ou cinco furos em cada peça. Outras peças são circulares ($\frac{1}{4}$ de circunferência), também disponíveis em tamanhos diferentes, e com dois, três ou quatro furos em cada peça. Também estão incluídos os rebites (50 unidades) que servem para o encaixe das peças. Um manual de sugestões para professores acompanha o kit. As peças possibilitam a construção de linhas poligonais abertas e fechadas, contornos de figuras geométricas, polígonos convexos e não convexos e circunferências.

II. Roleta Matemática

O jogo é composto por um tabuleiro de plástico rígido (mesa de apostas) medindo 23 x 31 cm, uma roleta, quatro conjuntos de fichas em cores diferentes e cartelas de apostas. O jogo da roleta matemática é indicado para ajudar os alunos nos primeiros cálculos de probabilidade, probabilidade condicional e probabilidades da intersecção de dois eventos. Cada partida possibilita a participação de quatro alunos.

III. Dominó de Frações

O Dominó de Frações contém 28 peças, e seu objetivo é o estudo das frações. Cada peça apresenta em um lado o desenho da fração, e no outro, sua representação numérica. Deve ser jogado com 2 a 4 jogadores, para melhor fixação do estudo. Um manual de instruções acompanha o jogo.

IV. Dominó de Equações

O Dominó de Frações contém 28 peças, e seu O Dominó de Equações contém 28 peças, e seu objetivo é o estudo das equações. Cada peça apresenta em um lado uma equação, e no outro, seu resultado. Deve ser jogado com 2 a 4 jogadores, para melhor fixação do estudo. Um manual de instruções acompanha o jogo.

V. Blocos e Cubos (Números/Geometria)

São 60 cubos com aresta de aproximadamente 40 mm, pintados em cinco cores diferentes, apresentados em uma caixa de madeira com tampa deslizante. No Ensino Fundamental, os blocos e cubos são usados como auxiliares no ensino de conceitos relacionados a regularidades matemáticas, e de adição, subtração, multiplicação e potenciação. Também são úteis no ensino de geometria plana, em estudos de área e volume, e de geometria espacial.

VI. Caixa Monetária (Números (Fatoração))

A Caixa Monetária contém, dentro do padrão monetário nacional, 120 moedas de plástico, 100 notas de 2 reais, 100 notas de 5 reais, 50 notas de 10 reais, 50 notas de 20 reais, 50 notas de 50 reais, e 20 notas de 100 reais. As cédulas têm tamanho de 45 x 100 mm, imitando as notas do Real. O material apresenta-se acondicionado em uma caixa com divisórias de dimensões de 300 x 150 x 40 mm. O dinheiro “de mentirinha” serve para trabalhar com os alunos várias questões que envolvem nosso sistema monetário. Os alunos podem relacionar o valor de uma moeda, por exemplo, de 25 centavos, com sua representação matemática do número decimal 0,25. Também podem ser trabalhadas as relações matemáticas e a fatoração. É possível propor situações-problema, por exemplo: trocar uma nota de 100 reais e fazer a fatoração, obtendo notas de menor valor e expressando matematicamente a situação: $100 = 50 + 20 + 10 + 10 + 5 + 2 + 2 + 1$.

VII. Kit do Explorador Matemático (Números/Geometria/Estatística)

O Kit do Explorador Matemático é composto por: a) um plano bidimensional de malha quadriculada em acrílico de 300 x 300 mm; b) um plano circular de acrílico com 200 mm de diâmetro; c) uma caixa organizadora que serve de suporte para os planos; d) figuras planas de encaixe – quatro triângulos, três quadrados, um retângulo, um pentágono e um hexágono; e) 60 pinos em cinco cores diferentes, com 12 pinos de

cada cor – amarelo, azul, preto, verde e vermelho; f) 12 folhas auxiliares de visualização através dos planos em acrílico; g) 30 elásticos coloridos nas cores azul, vermelho e verde; h) 30 elásticos com alça – vermelhos de 40 mm, azuis de 60 mm e verdes de 80 mm de comprimento; i) transferidor de 180 graus com 60 mm de diâmetro, indica os graus de 15 em 15; j) régua de 150 mm graduada em centímetros; k) jogo de esquadros – 90/45/45 e 90/60/30 graus). O Kit do Explorador Matemático é um material didático dinâmico, que possibilita a construção livre de figuras planas com elásticos coloridos no plano bidimensional, o estudo dos polígonos regulares no plano circular, o estudo do plano cartesiano e a construção de gráficos. Também se pode trabalhar com números inteiros e números racionais. Explorar os conceitos de produtos notáveis em quadriláteros na malha quadriculada. Desenvolver o conceito do Teorema de Pitágoras com a construção apresentada na folha auxiliar. No ensino de geometria plana, é possível construir polígonos regulares no plano circular e determinar a fórmula da quantidade de diagonais em relação ao número de lados, além de visualizar nos triângulos a medida do ângulo e de seus lados. Em geometria analítica, é possível identificar pontos no plano cartesiano, construir retas paralelas e concorrentes, trabalhar na malha quadriculada para determinar perímetro e área de polígonos, estabelecer as relações métricas no triângulo retângulo, construir graficamente a imagem da função afim e da função quadrática, construir gráficos de linhas, setores e barras dentro dos conceitos da estatística.

VIII. Balança Algébrica (Álgebra)

Fabricada em plástico, a Balança Algébrica apresenta suporte, base e régua perfurada. Conta ainda com 10 peças semelhantes que possuem ganchos de fixação. Suas dimensões são as seguintes: 440 x 340 x 140 mm. A Balança Algébrica é um material dinâmico usado no estudo de expressões numéricas e algébricas. Um dos lados da balança tem relação com os números inteiros, e o outro, com as frações. No Ensino Fundamental, ela pode ser utilizada para o estudo de equações do primeiro grau.

NOTAS, INDICAÇÕES E BIBLIOGRAFIA

1. Uma boa referência para entender “adolescência” e “juventude” é o capítulo 1, “Aproximando-se do conceito de juventude”, do livro *Diálogos com o mundo juvenil – subsídios para educadores*, publicado em 2005, São Paulo, pela Ação Educativa com apoio da Fundação Ford.

2. *Competências da Base Nacional Comum Curricular (2017):*

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
- Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

3. MORIN, Edgar e MOIGNE, Jean-Louis. *A Inteligência da Complexidade*. São Paulo, Editora Peirópolis, 2000.

4. Links para Coleção *Parâmetros Socioeducativos: proteção social para crianças, adolescentes e jovens*.

Caderno 1: Síntese – Apresenta uma síntese dos aspectos primordiais e de interesse mais abrangente. Destina-se a educadores e gestores de programas e políticas socioeducativas: <https://craspsicologia.files.wordpress.com/2013/04/parametros-aco-es-socioeducativas.pdf>

Caderno 2: Conceitos e políticas – Explicita as concepções orientadoras e a configuração da política de assistência no escopo socioeducativo para a infância e juventude. Destina-se a educadores e gestores de programas: <https://craspsicologia.files.wordpress.com/2013/04/parametros-das-ac3a7c3b5es-socioeduc-cad-2.pdf>

Caderno 3: Trabalho socioeducativo com crianças e adolescentes de 6 a 18 anos – Contém orientações sobre o funcionamento dos serviços socioeducativos, as metas de aprendizagem, as referências metodológicas e um repertório de atividades. Destina-se a educadores e gestores de programas voltados a esta faixa etária: <https://craspsicologia.files.wordpress.com/2013/04/parametros-das-ac3a7c3b5es-socioeduc-cad-3.pdf>

(Créditos: Cenpec – Referência: Parâmetros socioeducativos: proteção social para crianças, adolescentes e jovens: Igualdade como direito, diferença como riqueza: Cenpec – São Paulo: SMADS ; Cenpec ; Fundação Itaú Social)

5. A citação é de um artigo, “Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação”, de Carlos Rodrigues Brandão, que está no *Linguagens artísticas da cultura popular*, Boletim 01, de março/abril de 2005, Salto para o futuro, TV Escola, Ministério da Educação. Página 17.

6. BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália*. São Paulo, Editora Contexto, 2001.

7. LORENSATTI, Edi Jussara Candido. Linguagem matemática e Língua Portuguesa: diálogo necessário na resolução de problemas matemáticos, artigo, Revista: *Conjectura: filosofia e educação* (v.14 n. 2 maio/ago. 2009). Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/17> , acesso em 03 novembro de 2018.

8. Algumas experiências relevantes sistematizadas: **Projeto de Vida: caminhos para o desenvolvimento integral**. Ação Comunitária do Brasil – São Paulo; [coordenação editorial de Claudia Barone e Milton Alves dos Santos]. São Paulo: Ação Comunitária do Brasil – São Paulo, 2014. FUMCAD/CMDCA/PMSP; *Jovens Escolhas em Rede com o Futuro*. Sistematização do Programa Jovens Escolhas em rede com o Futuro, do instituto Credicard, publicado por Credicard, Orbitall e Redecard, 2005; Valor do Amanhã na Educação. Unidades de Estudo 1 a 5. Publicação do Instituto Unibanco, Editora BEI, 2009.

9. CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. In *Interações*, Vol III, nº 6, jul/dez 1998.

10. Indicação bibliográfica sobre filosofia: *O Livro da Filosofia*, vários autores, Editora Globo; Coleção *Encontro com a Filosofia*, Editora Moderna; Marilena Chauí, *Convite à Filosofia*. 6ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1997; Silvio Gallo - Walter Omar Kohan: *Filosofia No Ensino Médio*, V.6; Silvio Wonsovicz, Programa Educar para o pensar: *Filosofia com crianças, adolescentes e jovens*. 3º volume; Coleção *Filosofia o início de uma mudança*, Coleção *Novo espaço filosófico criativo*, Coleção *De educador para educador*, coleção *Filosofia fundamental*, Coleção Pais & Filhos: *Companheiros reflexivos* e Coleção *Paradidáticos filosóficos*.

11. *Merlí*, é uma série espanhola, da Netflix: "Um professor de Filosofia do Ensino Médio causa confusão por onde passa e serve de inspiração para todos os seus alunos, inclusive para seu filho homossexual. Ele incentiva seus alunos a pensarem livremente - dividindo as opiniões de alunos, professores e famílias. A série mostra como a filosofia pode ser apaixonante e divertida, sobretudo quando a história é conduzida por um professor nada convencional em seus métodos de ensino. Criação de Héctor Lozano, dirigido por Eduard Cortés

12. Outros dois livros com temática semelhante e que foram grandes sucessos: *Esmeralda, a jovem que não dançou na rua*, Editora Senac. História de vida de Esmeralda Ortiz, negra, ex-viciada em crack e ex-menina de rua da cidade de São Paulo na virada do século. O outro livro, mais antigo é *Eu, Cristiane F., 13 anos, drogada e prostituída*, dos os jornalistas Kai Hermann e Horst Rieck. Eles encontraram Christiane F. – então com 15 anos –, quando ela depunha como testemunha num tribunal de Berlim. Pediram-lhe uma entrevista que faria parte de uma pesquisa sobre os problemas da juventude. Tinham previsto duas horas para a entrevista, e elas se transformaram em dois meses, que serviram como base para o livro. O livro inspirou o filme de mesmo nome dirigido por Ulrich Edel, com trilha de David Bowie.

13. A atualidade do *Apanhador no campo de centeio*, artigo de Ricardo Stumpf Alves de Souza* — publicado 31/03/2017, in <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-socio/a-atualidade-do-apanhador-no-campo-de-centeio> acesso 11 de novembro de 2018.

14. Sobre o documentário *A Última Abolição*: "O Brasil tem o vergonhoso título de "último país ocidental a abolir a escravidão", fato que se deu apenas em 1888. O documentário *A Última Abolição* aborda a escravidão no Brasil com especial enfoque no período da abolição, destacando os movimentos abolicionistas; a resistência escrava e estratégias de luta dos escravizados e libertos; o papel das mulheres negras na resistência; as discussões da elite política e cultural do país no período; culminando com a assinatura da Lei Áurea e suas consequências para a população negra do Brasil pós-abolição aos dias de hoje. Ao mostrar o protagonismo do povo negro na luta por sua libertação o documentário contribuirá para o debate da história brasileira e da formação da nossa cultura, jogando um novo enfoque no tema e fortalecendo o combate ao preconceito racial.". Direção de Alice Gomes, Coprodução Gávea Filmes, Esmeralda Produções, GloboNews, Globo Filmes, TV Escola.

ÍNDICE DE TÍTULOS

LIVROS	17
Minha Vida de Menina.....	17
Meu pé de laranja lima	18
A droga da obediência	19
O mundo de Sofia	20
Vida de Droga	22
O apanhador no campo de centeio	23
Mayombe	24
Quarto de despejo	25
A teus pés	27
As mulheres que correm com os lobos	28
FILMES	31
Extraordinário	31
Escritores da Liberdade	32
Cidade Cinza	33
Ex-pajé.....	34
O que te faz mais forte	35
JOGOS MATEMÁTICOS	37
Kit geometria plana	37
Roleta matemática	37
Dominó de frações	37
Dominó de equações	37
Blocos e cubos(Números/Geometria)	37
Caixa Monetária	38
Kit do explorador matemático	38
Balança Algébrica	39



Av. Santo Amaro, 1.386 | 1º andar
Vila Nova Conceição | 04506-001 | São Paulo/SP
Telefone: 55 11 3848-8799

www.fadc.org.br

 /fundabrinq

 /FundacaoAbrinq